

O TEMPO LIVRE E A DIMENSÃO ADMINISTRADA DA CULTURA

Márcio Norberto Farias
Luciana Azevedo Rodrigues

RESUMO

Neste trabalho discutimos a administração da cultura e as suas conseqüências para o Tempo Livre a partir de uma analogia à obra “O Processo” (1997) de Kafka. Com base em Adorno e Weber, examinamos o processo de burocratização da cultura, pois nela, a impessoalidade, a tecnologia, o planejamento com seus objetivos claramente definidos, visa eliminar qualquer vestígio de não controle e os momentos de sua expressão, como por exemplo o amor, o ódio como características tipicamente sensíveis e pessoais, que nessa perspectiva são tidos como irracionais.

Palavras-chave: Tempo livre, cultura, administração

ABSTRACT

In this paper we discuss the administration of the culture and their consequences for the Free Time from an analogy to the accomplishment "The Process" (1997) Kafka. Based on Adorno and Weber, we examine the process of bureaucratization of the culture, because in it, the impersonality, the technology, the planning with defined objectives clearly, is going to eliminate any vestige of does not control and the moments of your expression, for example, the love, the hatefulness as characteristics typically sensible and personal, that in this context are considered irrational.

Key words: Free Time, Culture, Administration.

RESUMEN

En este trabajo discutimos la administración de la cultura y de sus consecuencias para el Tiempo Libre haciendo una analogía con la obra "El Proceso" (1997), de Kafka. Sobre la base de Adorno y Weber, examinamos el proceso de la burocratización de la cultura, pues en ella, la frialdad, la tecnología, la planificación con sus objetivos claramente definidos, pretende eliminar cualquier vestigio de descomedimiento y de los momentos de su expresión, por ejemplo el amor, el odio como características típicamente sensibles y personales, que en esta perspectiva son tomados como irracionales.

Palabras-Claves: Tiempo Libre, Cultura, Administración.

La razón decisiva que explica el progreso de la organización burocrática ha sido siempre su pura superioridad técnica sobre cualquier otra organización. La precisión, la rapidez, la univocidad, la oficialidad, la continuidad, la discreción, la uniformidad, la rigurosa subordinación, el ahorro de fricciones y los costos objetivos y personales son infinitamente mayores en una administración severamente burocrática...

Max Weber

O desenvolvimento técnico alcançado permite à sociedade atual uma organização rígida e sistematicamente calculada, que busca gerar maiores lucros no menor tempo possível e com a redução nos custos de produção. Este modo de organização implica num tipo de vida dependente das questões econômicas que mediam as relações socialmente estabelecidas (família, igreja, escola, trabalho, mercado, instituições públicas e privadas), mas, ao mesmo tempo, tem na cultura sua maior manifestação. Assim, os vários órgãos criados para administrar racionalmente o cotidiano de milhares de pessoas são, em seu conjunto, entendidos por Adorno e Horkheimer (1989) como expressão da sociedade administrada. Apesar dos indícios desse modo de vida estarem diluídos podem ser percebidos pelo alto grau do progresso técnico-científico a que estamos sujeitos quando buscamos controlar as ações do dia-a-dia das pessoas, tanto no seu trabalho quanto no seu tempo livre. A presença constante das máquinas (mecânicas ou eletrônicas) em nossas vidas ilustra o que pretendemos dizer, pois sua difusão estabeleceu-se como imprescindível na relação do indivíduo com a sociedade, exigindo de ambas as partes conhecimentos especializados a ponto de corresponder, com maior exatidão, ao perfil técnico-burocrático que impera nas sociedades capitalistas tardias. O aparato técnico, que historicamente foi um instrumento fundamental para a administração das relações de trocas comerciais, há muito extrapolou os limites das fábricas, atingindo o foro mais íntimo de cada um. O reflexo deste processo chega ao ponto dos indivíduos se sentirem impotentes diante das rígidas regras do chamado "sistema" social, que, por sua autonomização e seu caráter automático, emperra a luta pela liberdade, distanciando os indivíduos dos conteúdos culturais que deveriam realmente emancipá-los. Portanto, se não é mais possível pensar algo novo nem propor aos indivíduos extrapolar aquilo que está dado, resta, então, manter a lucidez.

A título de exemplificação, vejamos estas duas situações a que estamos submetidos cotidianamente:

1. No universo estudantil, quando precisamos tomar de empréstimo livros numa biblioteca universitária, algumas exigências são necessárias para regulamentar seu uso. Para que o empréstimo se efetive algumas normas são rigidamente estabelecidas e justificadas pelo "sistema" burocrático:

- possuir um cartão com um número que comprove sua identificação;
- escolher criteriosamente uma certa quantidade de obras em função do limite de empréstimos;
- acatar a determinação média de dias para permanência dos livros;
- estar consciente das cobranças financeiras e/ou punições pelos eventuais atrasos;
- ressarcir a obra em caso de perda ou furto.

Se, por acaso, alguém tentar driblar tais normas, fica sujeito a ser identificado imediatamente pelo "sistema", que, naquele espaço, a tudo registra e controla: saídas, entradas, datas, horas, minutos, multas, títulos, assuntos etc... O desenvolvimento tecnológico tem nessa burocratização um aliado essencial que cotidianamente normatiza as ações humanas de modo que as instruções contidas nos programas eletrônicos para computadores já prevêm um conjunto de medidas registradas virtualmente, de acordo com os dados coligidos historicamente. Assim,

qualquer desvio de conduta implica num tipo de sanção diante da tentativa de escapar às regras, não cabendo qualquer justificativa apresentada diante do “sistema”.

Kafka (1997), em seu romance "*O Processo*", de 1914, remete-nos a situações muito prosaicas, quando escreve "alguém certamente havia caluniado Josef K. pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum."¹ . Com suas palavras, vem ao nosso pensamento uma condição humana controlada nos seus mais íntimos detalhes, uma sensação de estar sendo constantemente interrogado, ameaçado, impelido e vigiado por uma totalidade social, inclusive em nossa mais particular vivência. Assim como em *O Processo*, de Franz Kafka, qualquer pessoa hoje se sente vigiada e, ao menor descuido, pode ser acusada sem sequer saber o motivo de sua culpa e, menos ainda, saber que autoridades conduzirão seu processo. Tanto o personagem de Josef K. quanto qualquer um de nós respira um ar sufocante desse tribunal imaginário em que se tornou o mundo administrado. Este sentimento de culpa ao outorgar que administrem nossas vidas é consagrado pela busca espiritual, partidária, futebolística, familiar e profissional. Sennett (2007) conta a respeito da nova forma de lidar com as responsabilidades numa agência de publicidade quando relata o caso de Rose. Para ela, “o segredo é: não deixar que nada se grude na gente”² num claro contraste com a idéia de que a culpa deve recair sobre qualquer um para que ninguém deixe de assumir sua responsabilidade.

2. É comum em nossos dias o recebimento de muito mais que correspondências pessoais pelo correio. A emissão de cartões de crédito enviados a inúmeras pessoas surpreende até mesmo aos mais desatentos, quando tais produtos chegam aos seus endereços sem terem sido solicitados. As administradoras dos cartões de crédito supõem que os seus prováveis clientes aceitam, sem titubear, o privilégio de se incluírem no clube dos modernos consumidores do capitalismo tardio, mesmo que jamais dêem crédito sem as devidas garantias. Prova disso é que, junto com o benevolente cartão, chega o respectivo contrato anunciando as vantagens do crediário em linguagem propositalmente incompreensível à maioria de suas vítimas. A arapuca armada pega os incautos com seu "presente grego" e se entranha na sua vida econômica. O inadvertido submete-se a aceitá-lo com suas taxas mensais subtraídas de sua conta corrente, acatando as disposições normativas do sistema de cartões. Se após o baque inicial, transcorrido o prazo de rejeição e de desconto das primeiras tarifas, o indivíduo se der conta do assalto e resolver contestar o valor debitado automaticamente da sua conta bancária pelo "sistema", terá que procurar alguém incógnito para reclamar e demonstrar a arbitrariedade desse processo ou buscar seus "direitos" junto aos órgãos do "sistema" — criados exclusivamente para evitar abusos como estes ao público em geral. Mas a funcionalidade do processo denuncia a aparência de que a realidade social está em harmonia com o indivíduo; afinal ele tem os vermicidas certos para impedir a invasão de suas entranhas pelo capitalismo tardio.

Os exemplos apresentados parecem muito freqüentes na vida cotidiana dos indivíduos numa sociedade administrada e ilustram como o aparato burocrático utiliza magistralmente os meios tecnológicos desenvolvidos para controlar cada vez mais seus passos.

Chama-nos a atenção o fato de o processo produtivo, que anteriormente se limitava ao ambiente fabril, arrastar-se a todos os cantos da vida, inclusive ferindo as relações mais íntimas de cada pessoa. Antes, durante a etapa do capitalismo inicial, no

¹ Franz Kafka, *O Processo*, p. 09.

² Richard Sennett, *A corrosão do caráter*, p. 92.

século XIX, os trabalhadores eram submetidos ao ritmo do trabalho ditado pelos proprietários da maquinaria, sendo rigidamente controlados desde a hora de entrada até a saída do trabalho. Em pleno século XXI, o controle sobre as atividades no ambiente de trabalho e sobre o tempo dedicado a este já não basta, pois só se alcançam resultados econômicos satisfatórios se absorvido também o tempo livre do sujeito, seja através do consumo conspicuo das mercadorias, seja através do controle do entretenimento diário.

De um modo geral, nestas atividades são reproduzidas as formas básicas de organização burocráticas adotadas pelo "sistema". Por meio delas, pode-se chegar ao sucesso e garantir lucros efetivos; o que faz com que sua perenidade siga isenta de todo e qualquer questionamento. A racionalidade que sustenta esta forma de organização, a razão instrumental, "...que se limita a la relación entre medio y fin; impide el juicio sobre la racionalidad del fin mismo"³ encontra-se debilitada quanto às condições de pensar se o fim último de todo o aparato burocrático e técnico está sendo convertido na realização humana.

Ora, a questão invocada aponta para uma sociedade que mediatiza⁴ todos os indivíduos em favor do desenvolvimento das forças produtivas e oculta isso, na medida em que promove a idéia de que sua organização tem como eixo o desenvolvimento humano. A mediatização a que todos os homens são submetidos produz um tipo de indivíduo mais afastado do que nunca da formação cultural (*Bildung*): o profissional especialista em administrar. Sobre isto, Adorno cita Weber:

*...la lucha del tipo del 'especialista' contra el antiguo 'humanismo de cultura', lucha que entra en todas las cuestiones culturales más íntimas y que está condicionada por la irrestañable propagación de la burocratización en todas las relaciones de dominio públicas y privadas y por la importancia constantemente creciente del saber especializado.*⁵

A figura do especialista corresponde adequadamente à burocratização a que muitos ramos da vida foram sendo submetidos. Os especialistas passam a ser exigidos mesmo onde não são necessários, e mesmo que sua especialidade não corresponda às necessidades de um determinado campo. O que realmente importa é sua capacidade técnica, administrativa e funcional, desinteressada em elementos propriamente humanos, mas obstinada em fazer com que a estrutura burocrática funcione na mais perfeita ordem, de acordo com os fins planejados. De acordo com Weber *apud* Adorno as "reglas previsibles", tiene en la burocracia moderna significación predominante. La peculiaridad de la cultura moderna, especialmente su subestructura técnico-econômica, [exige esta] 'previsibilidad' o calculabilidad del resultado. "⁶

O cálculo minucioso dos passos a serem dados se tornou imprescindível para o alcance de um resultado satisfatório: eis efetivamente uma das grandes máximas do nosso tempo. Para tal, a divisão rigorosa do próprio tempo se fez necessária. Encontrar nesse conjunto meticulosamente organizado para fins previstos alguma manifestação de espontaneidade e/ou outros elementos sensíveis deporia contra aquilo a que veio. Weber aponta que quanto mais a administração burocrática se expande, mais também se desumaniza, torna-se impessoal, promovendo a "eliminación del amor, del

³ Theodor ADORNO, *Cultura y Administración*, p. 55.

⁴ Mediação no sentido de os indivíduos se tornarem simples meios para a realização do capital.

⁵ Theodor ADORNO, *Cultura y Administración*, p. 71.

⁶ Max WEBER, *Economia y Sociedad*, p. 105.

odio y de todos los elementos sensibles puramente personales, de todos los elementos irracionales que se sustraen al calculo." ⁷

CULTURA ADMINISTRADA

A sociedade burocratizada limita as paixões, os sentidos humanos e a conseqüente vivacidade cultural. Tal existência ganha um ar de seriedade, próprio do controle e planejamento inerentes à produtividade. Nela, a dimensão radical do sujeito não corresponde aos interesses do capital; ao contrário, a ele são prejudiciais. "O interesse objetivo e a espontaneidade subjetiva separam-se contudo; esta corre o risco de atrofiar-se sob a desproporcional superioridade das condições dadas." ⁸ Nesse contexto, a cultura, que nas palavras de Adorno expressa a "...reclamación perenne de lo peculiar frente a la generalidade..." ⁹ permanece irreconciliada com a administração, como se dela não fizesse parte. A estranheza na administração "...representa necessariamente, sin culpa subjetiva ni querer individual, lo general frente a lo peculiar ..." ¹⁰ Isto é, o esquema social pautado na rigorosa objetividade, no cálculo e na produtividade, precisa eliminar tudo aquilo que não lhe corresponda, pois na sociedade administrada tudo deve ter utilidade e gerar lucros, enquanto aquilo que escapa deve ser eliminado. ¹¹ Dessa forma, a existência da cultura apenas consegue se dar de forma heterônoma. Como assevera Adorno o processo administrativo e burocrático

tiene que medir lo cultural, sea esto lo que ruere, con arreglo a normas que no lê son inherentes, que no tienen nada que ver com la cualidad del objeto, sino exclusivamente con ciertos patrones traídos de fuera; y a la vez, de acuerdo com sus prescripciones y su propia constitución, el administrador há de rechazar en su mayor parte, con motivo de la cualidad inmanente, la verdate de la cosa misma para hacer caso de su razón objetiva en general. ¹²

A cultura administrada heteronomamente não é, portanto, algo estimado por si, assim como outros elementos sociais também não são. Sua administração heterônoma comete-lhe grave atentado, na medida em que ignora suas forças e necessidades internas, de acordo com as quais a administração, talvez, fosse legítima. No entanto, dificilmente os conteúdos culturais poderiam sobreviver se não houvesse um mínimo de cuidado em sua preservação, pois sua tradição na sociedade é algo que permanece, apesar de deslocada de seu objetivo. A cultura abandona sua dimensão viva para permanecer como materialidade em locais úteis aos roteiros turísticos.

"La eliminación de tensiones entre la cultura e sus condiciones objetivas, que puede entreverse actualmente, amenaza, sin embargo, a aquélla con una muerte por congelación espiritual"¹³, ao passo que cultura e realidade objetiva assemelham-se cada vez mais diante daquela dimensão crítica que se afigurava. Longe de sua raiz, a cultura perde momentaneamente a força. As injustiças e opressões que compõem a realidade

⁷ Max WEBER, *Economia y Sociedad*, p. 105.

⁸ Theodor ADORNO, *Capitalismo tardio ou sociedade administrada*, p. 70

⁹ Theodor ADORNO, *Cultura y Administracion*, p. 58

¹⁰ *Idem*, p. 58

¹¹ Theodor ADORNO, *Capitalismo tardio ou sociedade administrada*, p. 71.

¹² Theodor ADORNO. *Cultura y administración*, p. 72

¹³ Theodor ADORNO. *Cultura y administración*, p. 64

antes refutada pela cultura passam a ser reproduzidas por ela, como forma de reabilitar o indivíduo ao *Establishment*. Nesse aspecto, Adorno argumenta,

*a cultura afirma positivamente o princípio de harmonia na sociedade antagônica — para a gloriosa transfiguração desta — é que ela não pode evitar o confronto da sociedade com o seu próprio conceito de harmonia e, com isso, acaba encontrando desarmonias.*¹⁴

Esta sociedade antagônica, desenvolvida técnica e cientificamente, preserva as condições históricas da miséria humana, pois não revela como prioridade de seres humanos. Admitir que o progresso racional não superou as rugas da humanidade é torná-lo incompatível com suas expectativas. Na medida em que os elementos culturais, transformados em meios de ofuscamento do real, comunicam a idéia de que os avanços têm como fim o ser humano, eles revelam sua falsidade, desmascarada pela realidade deplorável, vivida pela maioria dos seres humanos.

TEMPO ADMINISTRADO

A rigorosa divisão do tempo, em que cada atividade deve ser feita no menor prazo possível, própria da administração burocrática, instala-se profundamente em nossa percepção de vida. Essa noção de tempo rompe o determinismo climático que subordinava a produção às intempéries da natureza para estabelecer relações com a funcionalidade, repugnando a possibilidade da prática desinteressada, para satisfação pessoal. A ojeriza diante daquilo que é inútil se manifesta sob suspeita nos cumprimentos pessoais, alocando-se em frases prontas como "qual sua profissão?" Inspecciona-se a serventia do indagado antes mesmo, muitas vezes, que ele pronuncie o seu nome. Os precavidos lançam mão de estratégias para resolver os entraves da pergunta, tendo à disposição um cartão de apresentação para liquidar com o problema. Assim agem as pessoas, com o orgulho de ocupar um espaço merecido na sociedade burguesa, ou então, entram em depressão quando não conseguem se justificar perante os desconfiados. Benjamin Franklin cita os preceitos da vida correta.

*O som de teu martelo às cinco da manhã, ou às oito da noite, ouvido por um credor o fará conceder-te seis meses a mais de crédito; ele procurará, porém, por seu dinheiro no dia seguinte, se te vir em uma mesa de bilhar ou escutar tua voz, em uma taverna, quando deverias estar no trabalho; exigi-lo-á de ti antes que possas dispor dele.*¹⁵

Conforme Weber, ao se mostrarem trabalhadores honestos, esforçados e bons pagadores, os indivíduos viveriam sem conflitos sociais, desfrutando de uma condição de plena harmonia entre seres humanos. Apesar da carência reflexiva defronte a validade da acumulação capitalista dos credores, o exemplo prevalece desde então como uma máxima irrevogável. Do ponto de vista acima, a perda de tempo deve ser reprimida severamente e a inutilidade sem justificativa, abandonada à própria sorte — como, talvez, se acredite estarem as massas de desempregados e de miseráveis. Idéias

¹⁴ Theodor ADORNO, *Capitalismo tardio ou sociedade industrial*, p. 85

¹⁵ Max WEBER, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 30

simples, agregadas aos valores morais cristãos, denunciam o caráter antinômico da sociedade capitalista, desde sua origem até o dia-a-dia de cada um, revelando parte daquela funcionalidade que afoga a vida. Agir sem auto-reflexão crítica é característico de indivíduos que não se importam com os conteúdos ideológicos, mas com o "fato de que simplesmente haja algo preenchendo o vácuo da consciência expropriada e desviando a atenção do manifesto segredo."¹⁶ Instigar tais indivíduos a renunciarem às preocupações em torno do traje usado por seus mártires da novela, para praticarem a reflexão de sua própria condição, é algo que os irrita, especialmente quando gozam de seu tempo livre.

Tornou-se fundamental definir, antecipadamente, os objetivos a serem atingidos, até no tempo livre, pois dessa maneira se exclui a possibilidade de perder tempo. Aquele que, porventura, possa ter-se perdido, também já deve estar dentro dos cálculos de probabilidade. A divisão, o rigoroso planejamento, a otimização e a mecanização do tempo passam a constituir aquele valioso tempo livre, absorvendo seu potencial de liberdade. Preocupados em melhor aproveitar o tempo livre para si, os indivíduos se sujeitam a tal dissimulação, munem-se dos instrumentos a eles fornecidos pela Indústria Cultural, que permitem fazer o máximo de coisas num menor tempo e inibem a abertura de um espaço no qual o tempo adquire um compasso distinto do atestado na produção, isto é, um espaço de tempo realmente livre.

Ter um *hobby* faz parte de um rol de exigências sociais, segundo as quais os indivíduos vêm-se levados a demonstrar uma pseudo-satisfação e correspondência com o coletivo, numa tentativa acirrada de amenizar a compressão que tal coletividade exerce sobre eles. Adequar-se à sociedade é não levantar suspeitas, não ser observado mais do que já é.

O tempo livre desempenha um papel prescrito pela sociedade administrada, e encontra-se estritamente demarcado em relação ao tempo de trabalho, para que não reste o mínimo de tempo possível para o cultivo do pensar, pois ele, talvez, pudesse transformar o curso da referida prescrição.

No seu tempo livre, o indivíduo também precisa se aferrar às operações previamente planejadas por técnicos especialistas. Para acompanhar o espetáculo transmitido pelos meios de comunicação, precisa destinar atenção até maior, por vezes, que aquela exigida no interior da fábrica, caso não queira passar por idiota, ao término de alguma cena eletrizante. A função de distração, da qual a Indústria Cultural se gaba, é questionada pelo autor, que demonstra a falsidade de um tempo que apenas ilusoriamente representa a liberdade dos indivíduos. Nele, o que se encontra é a reafirmação daquela atenção e daquela imersão dos sujeitos na realidade que em hipótese alguma permite que se distraiam efetivamente a ponto de experimentarem as negações gritantes de reconciliação entre indivíduo e sociedade.

Nesse caso, a informação modelada conforme os meios de comunicação que a veicula, e enquanto produto do processo produtivo pautado na divisão de trabalho e em seu progressivo acirramento, reproduz a alienação dos seres humanos, emperrando a formação de uma consciência capaz de estabelecer conexões entre as informações transmitidas e as próprias vivências, sendo privado, portanto, do conhecimento do processo de produção material em sua inteireza.

"Estar de bem com a vida": eis a crença sustentada pelos indivíduos. Esforçam-se para isso, uma vez que os conflitos entre indivíduo e sociedade

¹⁶ ADORNO, *Crítica Cultural e Sociedade*. In: Gabriel COHN (org.), *Theodor W. Adorno* p. 87.

aprofundam-se cada vez mais, negando aos seres humanos a condição de autonomia frente ao movimento histórico. O que resta é encontrar meios de sobreviver na sociedade, ainda que gradativamente, ela os mate por sufocamento, na medida em que os priva dos pressupostos para a *Bildung*, fazendo crer que a possuem. Isso é perverso, pois assim como Adorno diz que "a aparência de liberdade torna incomparavelmente mais difícil perceber a própria falta de liberdade do que quando opunha à falta de liberdade manifesta",¹⁷ também a aparência de formação torna mais difícil perceber a falta de formação do que quando a não- formação era manifesta.

É essa aparência que faz crer num desenvolvimento espiritual paralelo e conseqüente ao desenvolvimento das forças produtivas. Entrementes, na época da reprodução tecnológica em que as massas poderiam obter a formação cultural, vêm-se dela privadas, pois a sociedade que reduziu os bens culturais simples valor de troca, nega as condições objetivas necessárias à formação, tal como o ócio. Os bens culturais ajustados a lei da equivalência são destituídos dos seus elementos crítico-emancipatórios, e conservados os que contivessem um teor unidimensionalmente adaptativo. Desse modo, ouvir a execução de uma peça de Ludwig Van Beethoven, ao vivo; conhecer uma pintura de Cézanne; visitar o museu do *Louvre* em Paris e dominar outros requisitos para conhecer uma obra de arte requer dos interessados nada mais que ligar o rádio, ver televisão ou simplesmente conectar-se à Internet. É possível até mesmo fazer tais atividades juntas, paralelamente. O importante acaba sendo a ocupação com algo, pois talvez o indivíduo possa se isentar de pensar em como a vida tem se tornado cada vez mais difícil. A ocupação do tempo que resta ao indivíduo, ao invés de conduzir a um processo formativo, reitera o já existente.

Essa mesma ilustração, que ofusca o olhar para aquilo que é falho, promove a aparência de que o conhecimento e a cultura podem ser conquistas de todos na sociedade massificada. Desviar por alguns segundos o olhar daquilo que é imensamente enfocado para aquilo que não se quer ver talvez seja o primeiro grande passo para admitirmos que a nossa formação está enfraquecida. As condições de vida produzidas e reproduzidas no mundo se apresentam como enormes obstáculos para ela. Estamos tão imbuídos da imediata funcionalidade que recusamos experiências não-funcionais. Refutar isso dizendo que os indivíduos buscam estas experiências em seu tempo livre seria ocultar que este — tempo livre — também serve à produção, à funcionalidade, na medida em que vivê-lo, nesse caso, significa ainda mais "recuperar as forças para produção". A formação é acorrentada à funcionalidade à medida que não ultrapassa a mera preparação para o mercado. Conteúdos antes consagrados na formação como a Filosofia, se vêm hoje ameaçados, pois dependem da sanção mercantil; aquilo que o mercado não valoriza corre o risco de cair por terra. Elementos que compõem a formação, como espontaneidade, autonomia, memória, vêm desvanecendo já há algum tempo. Como é possível então, sem esses elementos, tornar o tempo que nos resta após a jornada de trabalho um tempo de liberdade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1985.

¹⁷ ADORNO, *Critica Cultural e sociedade*, p. 78.

- . *Capitalismo tardio ou sociedade administrada*. Tradução de Aldo Onesti, In COHN, G. *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Atica, 1986, p. 33-45.
- . *Crítica Cultural e Sociedade*. Tradução de Aldo Onesti, In COHN, G. *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Atica, 1986.
- . *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*, (MM). Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.
- . *Educação e Emancipação* (EE). Tradução e introdução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- . Teoria da semicultura. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci, Claudia B. Moura Abreu. In: *Educação & Sociedade: Revista quadrimestral de Ciência da Educação*, Ano XVII, nº 56, Campinas: Editora Papirus, dez/96. pp. 388-411.
- ADORNO, T.W e HORKHEIMER, M. *Cultura y Adminstracion*. In: *Sociologica*. Traducción: Victor Sánchez de Zavala. Madrid: Taurus, 1989
- KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- PUCCI, Bruno (org.) *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, São Carlos: Vozes, EDUFISCAR, 1994.
- . Horkheimer, Adorno, Benjamin, e a escola de Frankfurt. São Carlos, UFSCar, (s/d). (mimeo)
- PUCCI, Bruno, RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton & ZUIN, Antônio Álvaro Soares (orgs.), *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação* Petrópolis, São Carlos, editoras Vozes/EDUFSCar, 1998.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. Marcos Santarrita. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- WEBER, Max. *Economia y Sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. Trad. José M. Echavarría, Juan R. Varella, Eugenio Ímaz, Eduardo García, Jose Ferrater Mora, México: Fondo Cultura, 1966.
- . *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 11 ed., Trad. Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tomás J.M.K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1996.

O conceito de Cultura está em ligação estreita com o de administração, "pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto". (ADORNO e HORKHEIMER, Indústria cultural, *Dialética do Esclarecimento*, p. 114)

Endereço para contato: marxio@gmail.com ou lunazevedo@yahoo.com.br .
Rua Amadeu Pinheiro, 131 – Olaria – Lavras, Minas Gerais